

ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E NA SAÚDE DA MULHER

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA PROBLEMÁTICA VIGENTE NO CUIDADO À MULHER EM TRABALHO DE PARTO

Olívia de Almeida Duarte¹

Roger Rodrigues da Silva²

Rafael da Silva Pereira³

Andreza Alves de Abreu⁴

Aline do Nascimento Pinheiro⁵

Isabela Rocha Siebra⁶

INTRODUÇÃO: A violência obstétrica vai muito além de uma simples repreensão com a parturiente, é caracterizada como qualquer violação direcionada a mulher. Em 2014 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que a violência obstétrica é uma injúria aos direitos humanos fundamentais e a evidenciou como um problema global, cerca de 25% das mulheres relataram violências no pré-natal, parto e pós-parto, evidenciando um grande agravo na saúde obstétrica. **OBJETIVO:** Analisar por meio da literatura a violência sofrida por mulheres na sala de parto por profissionais de saúde. **METODOLOGIA:** O estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura de caráter qualitativo e aspecto descritivo, realizada no período de março e abril de 2018. A pesquisa foi produzida utilizando como banco de dados a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), através das bases de dados BDENF, MEDLINE e LILACS. Para obtenção de resultados foram utilizados os descritores: saúde da mulher, violência e obstetrícia, obtendo 39 resultados. Os critérios de inclusão foram: documentos disponíveis na íntegra, idioma português e publicados entre os anos de 2010 a 2017. Como critérios de exclusão: duplicatas e não contemplassem a temática proposta, restaram assim, 5 artigos para construção da pesquisa em questão. **RESULTADOS:** O parto sempre foi uma prática difícil na vida da mulher, porém no decorrer dos anos foram criadas alternativas afim de minimizar o sofrimento da parturiente. A mulher é acompanhada por uma equipe de saúde para desenvolver ações que assistam a mulher de forma adequada, entretanto, os comportamentos dos profissionais de saúde, não atingem essa expectativa, tornando-se assim, geradores de violência. A violência obstétrica, nesse sentido, se apresenta como: a proibição de acompanhante na sala de parto; o uso de ocitocina sem necessidade para a indução da contração uterina; restrição a mulher quanto a posição de parir; episiotomia dispensável; uso de cesariana sem indicação de risco para o parto normal; abuso de poder do profissional, com o uso autoritário da voz; deboche sobre a condição da mulher no processo de parto; palavras de repreensão e

¹ Discente do curso bacharelado em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri, Iguatu, Ceará, Brasil. Membro do projeto de extensão: Educação em saúde e sexualidade. Membro do projeto de pesquisa e extensão em saúde cardiovascular e cerebrovascular (GPESCC) Email: olivia_almeida07@yahoo.com.br

² Discente do curso bacharelado em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri, Iguatu, Ceará, Brasil. Email: roger95silva@gmail.com

³ Discente do curso bacharelado em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri, Iguatu, Ceará, Brasil. Membro do projeto de extensão Cineclube Saúde. Membro do projeto de pesquisa e extensão em saúde cardiovascular e cerebrovascular (GPESCC). Email: Oraffael0@gmail.com

⁴ Discente do curso bacharelado em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri, Iguatu, Ceará, Brasil. Membro do projeto de extensão artistas do cuidar. Email: andrezaabreeu@gmail.com

⁵ Discente do curso bacharelado em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri, Iguatu, Ceará, Brasil. Membro do projeto de extensão saúde em sexualidade e gênero. Membro do projeto cineclube saúde. Email: pinheiroaline@gmail.com

⁶ Docente do curso bacharelado em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri, Iguatu, Ceará, Brasil. Coren: 000.306.979. Especialista em Saúde da Família-FIP (Faculdade Integrada de Patos). Mestre em Saúde da Comunicação Humana-UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Docente do Curso de Enfermagem- URCA (Universidade Regional do Cariri) E-mail: enfa.isabelars@gmail.com

humilhações com a parturiente; uso de fórceps e de pressão na barriga da mãe; afastamento precoce do bebê de perto da mãe; exames de toque desnecessários e dolorosos, dentre outros. A violência obstétrica é bastante presente e expressiva no cenário brasileiro, os profissionais de saúde deveriam dar um aporte as parturientes, oferecendo conforto, cuidado e segurança, mas muitos permitem que ocorra o desrespeito a essas mulheres causando-lhes experiências negativas quanto ao parto no serviço de saúde, traumas psicológicos e até mesmo complicações em outra possível gestação. **CONCLUSÃO:** A partir da análise e construção deste estudo, constata-se que a violência obstétrica é bastante presente no âmbito hospitalar e não se trata apenas de violência física, mas também psicológica e moral. Embora existam informações eficientes para um suporte qualificado dos profissionais de saúde, se percebe com frequência casos de violência com parturientes nos serviços obstétricos, dessa forma surge uma necessidade de um cuidado mais humanizado e mais digno a essas mulheres no momento de nascimento do seu filho, evitando complicações futuras.

REFERÊNCIAS:

SOUZA, A. B. et al. Fatores associados à ocorrência de violência obstétrica institucional: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Ciência Médica**. v.25, n.2, p.115-128, 2016.

NASCIMENTO, L. C. et al. Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos. **Revista de Enfermagem UFPE**. v.11, n.5, p.2014-2023, 2017.

RODRIGUES, D. P. et al. A peregrinação no período reprodutivo: uma vivência no capo obstétrico. **Escola Anna Nery**. v.19, n.4, p.614-620, 2015.

DESCRITORES: Saúde da mulher. Violência. Obstetrícia.